



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE - FACES

LETRAS

Francimeire de Carvalho de Moraes

Trança de histórias: literatura e história na sala de aula: um estudo da obra O mar nunca transborda, de Ana Maria Machado

Brasília , dezembro de 2011.

Francimeire de Carvalho de Moraes

Trança de histórias: literatura e história na sala de aula: um estudo da obra *O mar nunca transborda*, de Ana Maria Machado

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES – do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB -, tendo como orientadora a Prof^a Dr^a Ana Luiza Montalvão Maia.

Brasília, dezembro de 2011.

Francimeire de Carvalho de Moraes

Trança de histórias: literatura e história em sala de aula: um estudo da obra *O mar nunca transborda*, de Ana Maria Machado

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e da Saúde – FACES – do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB-, tendo como orientadora a Prof^a Dr^a Ana Luiza Montalvão Maia.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Ana Luiza Montalvão Maia (Orientadora)

Prof^a Dr^a Maria Eneida Rosa (UniCEUB)

Prof^a Maria Helena Viana de Sousa (UniCEUB)

Dedico este trabalho ao meu esposo Aílton, à minha filha
Maria Beatriz e meus pais pelo eterno incentivo.

A Deus, o que seria de mim sem a fé que eu tenho nele.

Aos meus pais, irmãos, meu esposo Aílton, minha filha Maria Beatriz, minhas irmãs Francinalda e Antônia Rejane, meu cunhado Alcides Maia e a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

À professora, Dr^a. Ana Luiza Montalvão Maia, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

Aos amigos e colegas, pelo incentivo e pelo apoio constantes.

“Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabelecemos doutrinas tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentido íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos, no tempo e no espaço”.

Machado de Assis

RESUMO

A pesquisa objetiva rever de que maneira a leitura escolarizada é tratada na escola e, em especial de que forma a ficção brasileira contemporânea é dialogada no ensino médio. Em uma sociedade letrada como a nossa, as possibilidades de exercício do corpo linguagem pelo uso da palavra são imensas. Há, entretanto, uma que ocupa lugar central. Trata-se da escrita. Essa primazia da escrita se dá porque é por meio dela que armazenamos nossos saberes, organizamos nossa sociedade e nos libertamos dos limites impostos pelo tempo e pelo espaço. A escrita é, assim, um dos mais poderosos instrumentos de liberação das limitações físicas do ser humano. O corpo linguagem escrita encontra na literatura seu mais perfeito exercício. Em outras palavras, é no exercício da leitura, da escrita, da análise e do debate dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados e explorados, em demasia, na prática escolar que a pesquisa pretendeu destacar, tratando a interatividade do factual e do ficcional ao analisar a obra *O mar nunca transborda*, de Ana Maria Machado, com a finalidade de fazer da linguagem literária, em especial, a contemporânea, uma conversa amigável e produtiva, pois sendo múltipla, propicia uma aprendizagem sempre interativa.

Palavras-chave: leitura escolarizada – contemporaneidade – diálogo

Sumário

Introdução.....	08
------------------------	-----------

Capítulo 1: A narrativa contemporânea: alguns aspectos (ficcional e histórico).....	09
--	-----------

Capítulo 2: O ficcional e o histórico em “ O mar nunca transborda”.....	15
--	-----------

Capítulo 3: Plano de aula.....	20
---------------------------------------	-----------

Considerações Finais.....	31
----------------------------------	-----------

Referências.....	33
-------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos torna mais tolerantes, menos intransigentes com o Outro. Negar a fruição da literatura é negar à humanidade o direito de pensar criticamente.

A pesquisa tem por objetivo “insistir” na leitura escolarizada que caminhe por esses princípios, mesmo que não cheguemos aos nossos ideais iniciais, mas que desperte o prazer da leitura e sua importância no mundo globalizado contemporâneo junto aos alunos. Daí, a escolha da obra da escritora Ana Maria Machado, *O mar nunca transborda* (1995), em que a narrativa está centrada em dois núcleos básicos – um em que se dá a narração em terceira pessoa (Liana) - e o outro em que se desenvolve a reconstituição que ela (Liana) faz da história do processo de colonização brasileiro.

É sabido que a relação entre literatura e história é remotíssima, mas pouco trabalhada esteticamente na leitura escolarizada. O ficcional e o factual se entrelaçam, contêm inúmeros saberes, no que se pode chamar de **trança de histórias**. E é nessa trança de histórias que a pesquisa se detém, tendo como *corpus* uma obra da ficção brasileira contemporânea, que encontra resistências na leitura, na análise e no debate e, principalmente conhecida no ensino médio.

A monografia se estrutura em três capítulos que se entrelaçam, como acontece entre a ficção e história e propõem um novo olhar na leitura escolarizada estética de textos literários das obras da contemporaneidade.

Na leitura e na escritura do texto literário é possível, na maioria das vezes, um encontro com nós mesmos e com a comunidade a que se pertence. É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível, transformando sua materialidade em palavra, cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa ter para manter um lugar especial nas escolas.

Capítulo 1

A narrativa contemporânea: Alguns aspectos (ficcional e histórico)

Nos dias atuais, as controvérsias acerca do discurso ficcional e o histórico, motivado pela frequente presença na literatura dos fatos históricos como referência para a ficção, tornam-se cada vez mais indefinidas. A relação entre literatura e história é bastante estreita. Exemplificando: a utilização de personagens e fatos históricos na Literatura caracteriza-se pela presença de elementos ficcionais. Nos escritos dos conquistadores europeus na América encontram-se os primeiros registros destes elementos literários ficcionais e históricos que delineiam a construção e a reconstrução literária no contexto atual.

Os desafios problematizantes que permeiam os aspectos históricos e ficcionais ao longo dos tempos tiveram suas raízes intelectuais firmes e remetem a discursos atuais e nos sugerem à percepção constante sobre esse pensamento. A esse respeito, destaca Fischer: romancista e dramaturgos, profissionais das ciências naturais e das ciências sociais, poetas, profetas, eruditos e filósofos de muitas linhas de pensamentos manifestam uma intensa hostilidade em relação ao pensamento histórico. Muitos de nossos contemporâneos apresentam uma extraordinária relutância em reconhecer a realidade do tempo passado e dos acontecimentos anteriores resistindo obstinadamente a todos os argumentos que defendem a possibilidade ou utilidade do conhecimento histórico.¹

No novo modo de pensar historicamente, o crítico e o contextual se fazem presentes. O mito, a religião e a psicologia permitem a busca de um sistema de valores característicos da arte e da teoria do chamado período modernista, para sistematização da história de modo universal.

Quanto à concentração dessas problematizações na arte pós-moderna devem-se considerar a natureza provisória e indeterminada do conhecimento histórico e do status antológico epistemológico do fato histórico. A escrita pós-moderna da história da literatura mostra que a ficção e a história são discursos que dão significação e sentido ao passado.

¹- HUTCHEON, Linda. Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção. Rio de Janeiro: Imago.1991, p.120.

A relação entre o fictício e o histórico é visto como estímulo para a conscientização do leitor sobre a natureza específica da referência histórica. As obras pós-modernas contrapõem-se por meio da tematização e encenações formais da natureza e dos valores que dependem do contexto. Apresentam uma corporalidade fictícia em vez de abstração, com tendências a fragmentar a identidade unificada ou a subjetividade de caráter.

A atual historiografia aponta que é impossível recuperar exatamente o passado, uma vez que a história é discurso, linguagem. Apesar das fontes, sempre perpassa o ponto de vista do historiador, ao operar recortes, selecionar, e escolher a maneira de contar.

O passado guarda os fundamentos do presente, que refunda, reinventa o passado. Benedetto Croce afirma que “toda a história é história contemporânea” e “por mais afastados no tempo que pareçam os acontecimentos de que trata, na realidade, a história liga-se às necessidades e às situações presentes, nas quais esses acontecimentos têm ressonância.” . As fronteiras entre ficção e história se tornaram cada vez mais tênues.²

Essa nova história literária não é uma tentativa de preservar um cânone ou uma tradição de pensamentos; ela mantém uma relação questionadora com a história e a crítica literária. O teórico e o crítico estão inevitavelmente envolvidos com as ideologias e as instituições. “A única coisa que devemos à história é a tarefa de reescrevê-la”, afirma Oscar Wilde,³

Portanto a metaficção historiográfica refuta os métodos naturais, ou de senso comum, distinguindo fato histórico e ficção, contudo, recusa a visão de que apenas a história tem pretensão à verdade, através do questionamento baseado na historiografia por meio da afirmação de que tanto a história quanto a ficção são discursos, construtos humanos, sistemas de significação. As duas obtêm sua principal pretensão: à verdade.

Os pressupostos dos atuais estudos literários destacam três focos principais de recentes teorizações para a historiografia: a narrativa, a retórica e o argumento. A narrativa tende visivelmente à preocupação com a ficção e à teoria pós-moderna.

²- Apud LE GOFF, 1997, p. 162

³- Apud HUTCHEON, 1991, p. 130

A visão predominante entre os historiadores de hoje, é de que a redação na forma de representações narrativas do passado é um empreendimento bastante convencional e literário, porém acredita-se também que os acontecimentos nunca se concretizaram no passado.

A história é uma reconstrução de fatos, o que foi vivido torna-se uma inexistência, não pode ser recuperado a não ser pelo discurso e isso permite extrair dessa realidade passada versões tanto históricas quanto ficcionais. Hutcheon reconhece as relações de proximidades entre história e ficção:

Naturalmente, a história e a ficção sempre foram conhecidas como permeáveis, (...) Não surpreende que tenha havido coincidência de preocupações e até influências recíprocas entre os dois gêneros. No século XVII, o núcleo desses pontos em comum em termos de preocupação inclinavam-se a ser a relação entre a ética (não factualidade) e a verdade na narrativa. ⁴

A ficção pós- moderna foca também a natureza dos fatos narrados. Os fatos não traduzem por si só o que existia no passado, porém aparecem permeados pelo ponto de vista. Assim sugere-se uma diferenciação entre fatos e acontecimentos. Os acontecimentos são considerados em estado bruto e não tem sentido por si mesmo, enquanto que os fatos recebem sentidos ao serem narrados, são a “lapidação” dos acontecimentos escolhidos e suas principais características.

Na narrativa ficcional tudo pode e deve ser questionado. Os romances não surgem para explicar, mostrar ou dar respostas prontas, eles subvertem, questionam, problematizam tudo aquilo que os romances históricos tradicionais e o senso comum estabeleciam como verdades imutáveis. E o aspecto questionador do romance pós-moderno permite ao leitor construir uma interpretação própria da narrativa formando uma autoconsciência em relação aos processos que diz respeito à sua criação e sua constituição.

A autora Ana Maria Machado relata em sua obra “O mar nunca transborda”, corpus da pesquisa:

4 - HUTCHEON, Linda. Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção. Rio de Janeiro: Imago.1991, p.143.

A bordo da nau, a noite foi de sono tranqüilo. O mar estava calmo. Não fazia tanto calor quanto alguns dias antes, mais ao norte. E tinham tido aventura de encontrar no fim da tarde essa águas calmas de um verdadeiro porto natural, protegido por recifes mas sem baixios perigosos. Além disso, próximo à barra de um riacho onde poderiam se abastecer de água potável. Um lugarzinho muito interessante mesmo. onde ninguém ainda tinha estado. Uma enseada tão pequenina que passara despercebida durante esse quarenta anos em que sucessivas expedições vinham explorando o litoral. Ou tão insignificante que ninguém se importara ainda em nomeá-la incluindo nos mapas meia-lua trincada pela foz de um ribeirão, que chegava ao mar em meio ao manguezal. ⁵

Nas metaficções pós-modernas, o tratamento da história recorre a falsificações ou pelo menos ao tratamento crítico da tópica histórica tradicional, as ostentações do processo de fabricação discursiva da história como representação coletiva e como suporte do ethos de uma sociedade. Assim a ficção como uma das formas mais altas de intensificação da realidade, busca atualmente exprimir com mais realismo a essência de alguns eventos humanos. Para tanto elimina ideias que não passam de violência e deformação da realidade.

A abordagem, entretanto merece atenção quanto o interesse pela história que não foi constante no século passado. Depois da criação do romance histórico do século passado o modernismo desenvolveu o discurso crítico em relação aos fundamentos epistemológicos da representação histórica, negando-se, contudo, com raras exceções, a participar no fingimento generalizado do passado, instituído como prática legítima pelo discurso histórico.

No romance *O mar Nunca Transborda*, a autora penetra sutilmente no universo histórico apresentando os fatos e elementos conceituais com harmoniosa sintonia entre o real e o ficcional conforme se destaca:

5- MACHADO, Ana Maria. *O Mar Nunca Transborda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 14

[...] sabia-se que logo concedera várias sesmarias em diversas ilhas a ilustres fidalgos que o acompanhavam e que se estabeleceram em terra firme no Porto do Espírito Santo ao qual introduziu a cultura da cana e construiu cinco engenhos de água e dois de cavalos, sem medo algum dos índios. O que não era de espantar, dada a conhecida valentia de Vasco Fernandes, já comprovada por seus feitos militares na China e suas proezas de bravo soldado de Albuquerque na Índia, onde foi grandemente celebrado por enfrentar e lograr deter um elefante que esgrimia uma espada com a tromba. Era com esse donatário que Pero Duarte tencionava tratar para embarcar paus de tingir. Ou a ser verdadeira a notícia chegada ao reino de uma safra em expectativa de mil arrobas de açúcar, muito mais haveria para satisfazer as ambições do mais exigente mercador.(...) ⁶

Por ora aproveitava para descansar de sua longa travessia pelos mares equinociais, abrigados nessa pequena enseada que acabara de inaugurar para El-Rei e o cristianismo. ⁶

A historicidade da literatura é assim relativa à sua própria essência e, de certo modo, todo romance é histórico no sentido de estar relacionado a um determinado contexto fático espaço-temporal.

Essa relação, no entanto deve ser superada na medida em que a literatura só se firma historicamente quando transcende sua própria historicidade. Outro ponto de contato entre literatura e história nasce do fato de que todo texto se subordina a uma categoria mais ampla, o discurso. Isso permite entender que o historiador se serve de um instrumento que pertenceria prioritariamente ao universo da literatura e permite considerar a historiografia como um discurso menor, já que o texto historiográfico aponta para a unicidade, contra a equivocidade própria do texto literário.

Aristóteles, filósofo grego (385-322-a.C) em sua obra poética contrapõe duas formas básicas de narrativas: a histórica e a poética. A primeira tem por objeto o dado concreto e inscreve-se no domínio da realidade efetiva, da experiência empiricamente verificável. A segunda pelo contrário, é definida como uma realidade demarcada do mundo objetivo e transportada para o reino do possível: " não é obra de um poeta dizer o que aconteceu, mas o que poderia acontecer, e o que é possível acontecer, segundo o que é verossímil e necessário". ⁷

O homem tem tentado ir além da realidade estreita que ele percebe. Toda vez que o homem tenta cai no esoterismo, na ciência negra. A objetividade do homem tem por limite sua capacidade de conhecer. Além dessa fronteira, ele encontra o desconhecido e cai na explicação mágica, na supra-realidade.

6- MACHADO, Ana Maria. O Mar Nunca Transborda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 15

7- ARISTÓTELES. Poética. São Paulo: Ediouro. 1990.

Assim como a ficção extrapola o domínio da literatura, a história responde a uma necessidade específica do ser humano: conhecer o seu passado. Sem negar que esse conhecimento não se realiza senão num discurso, em que a história reivindica uma veracidade estranha à ficção.

A evolução do romance reflete um caminho ininterrupto em direção à disciplina intelectual. Começamos com a história contada arbitrariamente: romance de enredo, narrativas fluentes e imagens novas. Nada de complexidade interior.

O romancista era aquele que tinha um “ caso a contar: urdida a trama, passava-a maquinalmente ao papel. Porque era dado a imagens, comparações tornava-se o escritor, o literato. Pouco importava a harmonia das partes, a unidade do enredo a preparação literária, os riscos das construções, o acabamento, a vida interior. O romancista havia contado sua história, estudo.

Capítulo 2

O ficcional e o histórico em “O mar nunca transborda”.

Ao longo da história de uma sociedade, estabelecem-se pontos de vistas contraditórios. Por isso, os discursos estão em relação polêmica uns com os outros. Nesse sentido todo discurso é histórico. Num texto estará o outro em oposição ao qual, num dado momento, ele se constituiu, a historicidade de um texto é estudada analisando-se essa relação polêmica em que ele se construiu.

As imbricações em torno do histórico e do ficcional e o processo de ficcionalização do real são amplamente analisados no que se refere a narrativa contemporânea. A relação dupla da ficção com a realidade detém uma dimensão importante na construção das realidades existentes aliadas ao ideário imaginativo. Nesse sentido, é importante analisar como o texto literário trabalha com a realidade, como os dados – ditos reais-, são representados pela arte da palavra. Na narrativa literária, através da seleção, o narrador coloca muitos dados identificáveis na realidade.

O texto literário é produzido por um sujeito num dado tempo e num determinado espaço. Esse sujeito, por pertencer a um grupo social num tempo e num espaço expõe em seus textos, as ideias, os anseios e os temores, as expectativas de seu tempo e de seu grupo social. Todo texto tem um caráter histórico, não no sentido de que narra fatos históricos, mas no de que revela as ideias e as concepções de um grupo social numa determinada época.

Não há texto que não mostre o seu tempo. Cabe lembrar, no entanto, que uma sociedade não produz uma única forma de ver a realidade, o único modo de analisar os problemas colocados num dado momento. Cabe citar, no entanto, que algumas ideias em certas épocas exercem domínios sobre outras ganhando o estatuto de concepção quase geral na sociedade.

É necessário entender as concepções existentes na época e na sociedade em que o texto foi produzido para não correr o risco e compreendê-lo de maneira distorcida.

Como as ideias só podem ser expressas por meio de obras literárias, analisar a relação do texto com sua época é estudar as relações de um texto literário com outros. Pode-se dizer que uma obra literária é, pois, um todo organizado de sentido delimitado por diferentes versões e produzido por um sujeito num dado espaço e num dado tempo. Conforme Platão Et Fiorim, dessas informações pode-se tirar a noção, que:

- a- Uma leitura não pode basear-se em fragmentos isolados do texto ou da obra, já que o significado das partes é determinado pelo todo em que estão encaixadas;
- b- Uma leitura, de um lado, não pode levar em conta o que não está no interior do texto em uma obra literária e, de outro, deve levar em consideração a relação assinalada, de uma forma ou de outra por marcas textuais, que um texto literário estabelece com outros.

Desse modo se a realidade é apenas representável na narrativa ficcional, isso nos leva a pensar na instigante relação entre narrativa literária e narrativa histórica, considerando a história como “o discurso ou o texto elaborado pelo historiador.”

A proximidade entre discurso literário e discurso histórico coloca a literatura e a história como “leituras possíveis de uma recriação imaginária do real”, de acordo com Jacques Leenhardt e Sandra Jaatahy Pesavento.

Tal como a literatura a história, enquanto representação do real, constrói seu discurso pelos caminhos do imaginário. No caso da história, o passado é “inventado”, os fatos são selecionados, a memória é criada, a história é fabricada, mas se trata de uma produção “autorizada”, circunscrita pelos dados, a passeidade (as fontes), a preocupação com a pesquisa documental e os critérios de cientificidade do método. Na narrativa literária, este componente de liberdade construtiva e de “vôo” de imaginação é mais amplo, podendo esquecer um pouco as condicionantes da “testagem” das fontes.⁸

A partir desse quadro teórico, é possível analisar como a narrativa ficcional se “apropria” da realidade e a representa/ em seu interior – de forma ficcionalizada, mas sempre apontando para o referencial representado.

Na obra da escritora Ana Maria Machado “O mar nunca transborda” (1995) a autora tematiza o resgate da memória individual e coletiva, tratando de reconstruir a imagem da formação da nação brasileira e seu passado recente sob o prisma feminino, enfatizando o papel social da mulher na consolidação da nação e construção da identidade nacional.

8 - Leenhardt Ipsavento. 1988. P. 12-3

O romance “O mar nunca transborda” é construído a partir do entrelaçamento do tempo presente com vários momentos do passado; do entrelaçamento da história de Liana (jornalista brasileira que mora em Londres) e de sua família com a história dos Reis Magos (na costa do estado do Espírito Santo).

Para a autora é de suma importância repassar o resgate da historicidade para outras pessoas em suas diferentes formas de viver que via de regra são ignoradas pelos relatos oficiais – pela história oficial –, que são rico manancial para a escritora. A incursão na alma brasileira enfatiza o caminho de histórias resgatadas pela memória coletiva, sobretudo pelo pensar feminino, em que é retomada a tradição das contadoras e é enfatizado o caráter ficcional de uma história que poderia ter sido escrita de diversas formas.

Por ter sido assim. Ou melhor, não deve ter sido assim. De qualquer modo, quem estava para ler não contou nunca. Ou contou sem deixar vestígio [...] Como saber? Tem dois jeitos. [...] Tem o jeito exato, científico, do avô Amaro, do bisavô Feliciano. O caminho que levaria à biblioteca do Instituto Histórico. [...]. Mas tem também o outro jeito. [...]. O caminho da avó Rosinha, dividido com a velha dona Erundina e aprendido com dona Isméria mais velha ainda, que morrera muito antes da mãe de Liana nascer e só deixara o nome a lembrança nas conversas das mulheres de Manguezal. Um caminho de histórias inventadas. Sem exatidão nem pesquisa nenhuma. Mas usando todo e qualquer conhecimento disponível para imaginar uma coisa que podia ter acontecido de verdade. ⁹

A narrativa é construída a partir da visão de índios, de mulheres, de crianças, de africanos trazidos como escravos, analfabetos e marginalizados, enfim, também do ângulo dos primeiros colonizadores que chegaram ao país e acabaram ficando, contribuindo para a miscigenação. Dessa perspectiva o romance inicia a narrativa com a chegada de naus portuguesas sob o olhar de indígenas que observam um estranho objeto a se aproximar da praia: Não ia dar para esquecer nunca. Nesse dia tudo foi diferente. E depois dele nada, nunca mais, foi igual. Mas, quando começou, não parecia [...] nesse dia, pelo meio do caminho, Cairé viu uma coisa que nunca tinha visto. Foi por isso que voltou correndo, entrou na aldeia gritando e avisou aos guerreiros: - Depressa? Venham ver? Um bicho enorme no mar? ¹⁰

9- MACHADO, Ana Maria. O Mar Nunca Transborda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 16-17

10 - MACHADO, Ana Maria. O Mar Nunca Transborda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 11-12

A estreita relação entre histórico-ficcional na narrativa de Ana Maria Machado forma um universo particular muito bem articulado e coerente apontando para a possibilidade humana e aventura, descoberta, questionamento, constatação e mudança (tanto individual quanto social).

*A cor era essa mesma. Verde Veronese. Liana via a data do quadro, 1570, no museu e não podia deixar de lembrar Aloísio no Atelier, explicando que algumas cores, alguns tons, não existiam na história da pintura até que alguém conseguiu descobrir um pigmento único, elaborar uma mistura insuspeitada. Os vermelhos de Pompéia, o azul intenso de Giotto. E esse verde-esmeralda que ela observava agora, inventado por Paolo de Verona, pintor famoso e respeitado que, se não chegara a ser exatamente de primeira categoria, seguidor dos modismos de seu tempo, sem a densidade de seu mestre Tiziano, no entanto deixou uma contribuição inesquecível à pintura, ao ser capaz de intuir que na segunda metade do século XVI não era mais possível que a arte continuasse ignorando a cor do mar tropical. [...] No fundo da imensa adoração dos Magos que Liana agora contempla na National Gallery, um guardador de camelos roubava a cena pela verde luminosidade marítima que se concentrava nele ao chicotear um animal. Da cor do mar de manguezal nos dias de sol e água tranquila sem vento nem nuvens.*¹¹

Curioso é o modo como a autora registra acontecimentos e elementos históricos, apresentando recurso da literatura de informação, mas, sobretudo delineando o traço marcante do pensamento ficcional/arte/histórico de forma memorável do pensar contemporâneo. Fiel aos traços conceituais, em uma narrativa envolvente de forma inovadora na representação escrita que mescla história e ficção em versões que dialogam entre si.

A tarefa de compreender as diferentes linguagens, “o fazer leitura”, de atribuição de significados, depende da experiência do leitor.

A rigorosa adequação e a forma de utilizar as diferentes linguagens como exigências informativas requeridas é suporte necessário à produção literária, e de modo abrangente a língua portuguesa e suas literaturas.

Por meio do diálogo entre diferentes áreas, diferentes estilos, diferentes épocas e diferentes normas lingüísticas, é possível manter fidelidade ao que normatiza os Parâmetros Curriculares Oficiais, para o ensino médio de língua portuguesa, dinamizando e estruturando o conjunto de informações em geral e as literaturas em particular.

Na literatura, a dimensão de caráter histórico e estilístico permite visualizar e consequentemente conhecer e analisar diversas produções literárias em diferentes épocas. Dessa forma, proporcionar ao leitor a aquisição da capacidade básica para estabelecer relações, informações, planos de expressão, e momentos históricos.

A prática de ensino de língua e literatura vem sendo objeto de profundas reflexões: novos caminhos são trilhados.

Nesse contexto, as produções literárias surgem para intensificar, analisar e valorizar condições, recursos linguísticos e literários. Criar condições para a formação de leitores atentos, críticos e competentes.

Capítulo 03

Plano de Aula

Escola: Centro Educacional 07 de Taguatinga

Disciplina: Literatura Brasileira

Duração: 4 aulas de 50 minutos

Turma: 3º ano do Ensino Médio

Assunto: Análise da obra “O mar nunca transborda”, de Ana Maria Machado – a relação entre ficção e história

Competências

Compreender que o estudo da arte literária, constitui-se numa representação simbólica da realidade.

Compreender o contexto da ficção brasileira contemporânea em que o passado histórico é lido pelo olhar do presente. – o caso do objeto de estudo a obra “O mar nunca transborda”, de Ana Maria Machado.

Compreender a importância da escritora e da obra de Ana Maria Machado.

Habilidades

Interpretar junto aos alunos a importância da obra literária refletir simbolicamente a realidade – no estudo de caso a obra “O mar nunca transborda”, sem esquecer das consequências dessa representação de determinado(s) conteúdo(s).

Ler e interpretar trechos da obra com a finalidade de evidenciar a relação entre literatura e história na ficção brasileira contemporânea.

Ler e interpretar a estrutura de organização dos dois núcleos da obra e suas importâncias.

Debater com os alunos os vários pontos de vista encontrados na obra – uma característica da descentralização do sujeito na ficção brasileira contemporânea.

Ler, analisar e debater as extensões do nosso processo colonizatório presente na obra – buscar a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade com outras disciplinas do curso.

Procedimentos

- Apresentando uma aula expositiva dialogada a partir da importância da escritora e da obra de Ana Maria Machado.
- Ler com os alunos trechos da obra “O mar nunca transborda” – estudo de caso – a importância na ficção brasileira contemporânea – explicando a estrutura dos núcleos da obra para melhor entendimento de aspectos estéticos literários da contemporaneidade.
- Ler, analisar e debater os trechos lidos, despertando nos alunos a relação entre literatura e história e suas implicações no contexto em que se vive.
- Procurando a participação de outras disciplinas para ampliação dos conhecimentos entre o ficcional e o factual, despertando nos alunos a importância do diálogo entre disciplinas, visto que o ensino na era globalizada é interativa.

Primeira aula

Antes de apresentar os trechos da obra a ser estudada, destacar alguns aspectos da autora Ana Maria Machado:

1. Autora com cerca de centenas de livros, seja para o público juvenil, seja para o público adulto;
2. É uma autora reconhecida pela crítica especializada tanto nacional como internacional, ganhou o Prêmio Christian Andersen em 2000 e é membro da Academia Brasileira de Letras..

Por tudo isso, acreditamos que a escritora merece ser lida e discutida e por isso vamos ler, analisar e debater a sua obra “O mar nunca transborda”(1995) em sala.

De que trata essa obra? É comum a escritora Ana Maria Machado estabelecer um diálogo entre literatura e história, ou seja entre a realidade vivida e ficção, em que o leitor é convidado, e nós nessa leitura vamos poder estar presentes, a(re)visitar o passado histórico em suas múltiplas faces, por meio da experiência ficcional, os textos da obra “O mar nunca transborda”.

É sabido que a relação entre história e literatura não é recente. A história, dizem os teóricos, expressam os fatos vividos; já a literatura diz respeito à imaginação. Como então unir imaginação e fato, ou em outras palavras, o ficcional e o factual? É o que veremos.

A obra “O mar nunca transborda” trata do contexto histórico da conquista da América pelos europeus e seu enredo apresenta pontos de vista variados acerca da chegada desses estrangeiros (no nosso caso, os portugueses), ao litoral brasileiro. O leitor, de início, fica confuso. Por quê? A narrativa que se está começando a ler é tratada pela história oficial como um grande feito da era dos descobrimentos (século XVI).

Texto 1 (MACHADO, Ana Maria. *O mar nunca transborda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p.14)

A bordo do nau, a noite foi de sono tranqüilo. O mar estava calmo. Não fazia tanto calor quanto alguns dias antes, mais ao norte. E tinham tido a ventura de encontrar no fim da tarde essas águas calmas de um verdadeiro porto natural, protegido por recifes mas sem baixios perigosos. Além disso, próximo à barra de um riacho onde poderiam se abastecer de água potável. Um lugarzinho muito interessante mesmo. Onde ninguém ainda tinha estado. Uma enseada tão pequenina que passara despercebida durante esses quarenta anos em que sucessivas expedições vinham explorando o litoral. Ou tão insignificante que ninguém se importara ainda em nomeá-la, incluindo nos mapas a pequena meia-lua trincada pela foz de um ribeirão, que chegava ao mar em meio a um manguezal.

É importante destacar para os alunos que representou a chegada dos portugueses, muito bem caracterizada no trecho e explicar algumas expressões desconhecidas para uma melhor compreensão da obra estudada.

Não deixar de frisar que o enredo ficcional transborda de contexto histórico e das visões desses estrangeiros ao litoral brasileiro. E que a narrativa (a obra “O mar nunca transborda”) é composta por dois núcleos básicos – um em que se dá a narração, em terceira pessoa, da história de Liana, outro em que se desenvolve a reconstituição que ela (Liana) faz da história de Manguezal dos Reis Magos. Observar:

O primeiro trecho já citado anteriormente que trata da chegada dos portugueses representa um dos núcleos da narrativa; o segundo trecho a seguir explicita o outro núcleo:

Texto 2: (MACHADO, Ana Maria. Idem, p.20-21)

Ia chegando o lugar de saltar. Liana deu o sinal, vestiu as luvas, enrolou o cachecol no pescoço, abotoou o casaco e desceu a escadinha do ônibus. Em segundos se diluiu na multidão que andava com pressa e calada, batendo os saltos com força na calçada larga, num som constante de passos marcados, tropel urbano que surpreendera a moça nas primeiras semanas londrinas.

Como atividade para a aula seguinte pedir aos alunos que tragam alguns episódios da História do Brasil (época dos Descobrimentos) para serem debatidos em sala, em especial, a relação entre os europeus (portugueses) e os índios (a barbárie).

Segunda aula

Ao receber o material trazido pelos alunos, comentar um aspecto muito peculiar presente na ficção brasileira contemporânea que é a de tratar a realidade histórica brasileira posta em questão de modo reflexivo, de forma crítica.

Nessa obra, o processo de colonização brasileira, bem como suas implicações posteriores, é discutido no decorrer da narrativa, de modo que variadas possibilidades são apresentadas a esse respeito.

O seguinte trecho a ser lido já aborda a visão dos portugueses pelos habitantes da terra e possibilita uma ampliação interdisciplinar entre a literatura e a história.

Texto 3: (MACHADO, Ana Maria. Ibidem, p.31-33)

Um dia, o mais velho deles, Batuíra, veio avisar:

— Tem uns homens-urubus andando pela praia!

Foram todos ver. Correram para o alto do barranco que dominava a foz do rio, o mesmo de onde anos antes Cairé primeiro avistara os brancos, mas Batuíra, já mais forte e mais alto que o pai explicou:

— Na outra praia! Na das Tartarugas! Para os lados da sibipiruna grande!

Os homens se desviaram para o sul e, assim que a faixa de areia ficou visível, Gonçalo logo identificou os jesuítas:

— São piagas... Homens santos.

Recebeu-os com muita alegria. Sabia que, ao contrário dos navegantes que ali aportavam ocasionalmente cheios de ambição e incontida violência, esses homens não ofereciam perigo algum. Estava com saudade de falar sua doce língua lusitana, coisa que raramente tivera oportunidade de fazer depois que o Nuno se fora. Sabia que havia um novo rei, D. Sebastião, ainda muito jovem. E já fazia algum tempo... Mas queria saber mais novidades da corte, de além mar, talvez mesmo de outros sítios nessa mesma terra.

De onde vêm vossas mercês? Como chegam a pé? — a curiosidade de Gonçalo era grande.

Os jesuítas sorriram. Como seus irmãos de ordem estavam acostumados a cobrir em longas caminhadas as grandes distâncias daquela terra quente e gentil. Vinham de uma grande ilha mais ao sul.

— Este mal agora está sanado, pois que cá estamos. Podemos construir uma capela, erigir uma residência, como alguns de nossos irmãos já estão a fazer em outros sítios, e nos dedicar à conversão desses infiéis. Como conhecemos um pouco da língua do gentio, logo lhes poderemos explicar o risco que correm suas almas, nas trevas do paganismo, destinadas ao fogo eterno, longe do Senhor, presa fácil de Belzebu que os arrasta a toda sorte de vícios.

— Fogo muito com a notícia...— disse Gonçalo. — Sejam mui bem-vindos.

O que não disse era que no fundo achava que talvez aquelas almas não corressem risco algum, de tão inocentes que eram. Mas não entendia dessas questões. Quem era ele para discordar dos santos homens, emissários do reino de Deus? Se queriam batizar seus filhos, pois que batizassem. Mal, não faria... Na verdade, havia momentos em que, deitado em sua rede antes de dormir, achava que há tantos anos vivia de tal modo no paraíso que temia que lhe estivesse reservado o fogo eterno quando morresse, só para equilibrar. Não era mais criança e tinha que pensar um pouco na sua alma. Afinal, estava vivendo em pecado havia tanto tempo... E se Deus mandava pastores à sua procura, seria um sacrilégio não os seguir.

Mas não foi esforço algum ficar amigo dos jesuítas. Eram trabalhadores, preocupados com índios, interessados em todas as coisas da terra, nas plantas, nos animais.

Padre José, que dominava mesmo o avanheém, divertia-se com tudo. Achava graça nos nomes que entendia.

— Batuíra é o nome do maçarico, aquela ave marinha que dá corridas e saltita pela praia, de pernas finas e compridas, como o seu filho. Bem comparado... Ibirajara é o senhor da terra, nisso não se põe dúvida. Esse velho Piracema de que tanto falam deve ter sido excelente pescador.

— É... Peixe muito, peixe fervilhando... Mas era uma espécie de piaga, na verdade — confirmou Gonçalo.

— Então, se não tivesse morrido pagão, poderia ter sido pescador de almas, como São Pedro. Mas seu cunhado Cairé é sanhaco-frade. Porque lhe deram esse nome?

Gonçalo riu:

— Passarinho muito guloso que come sem parar.

E mudou de assunto antes que tivesse que explicar que Cajati tinha toda razão de ser chamada de “árvore perfumada”. Ou que fosse obrigado a confessar que ela o chamava de Emburucu.

Os exemplos extraídos da obra de Ana Maria Machado ilustram a possibilidade de formar leitores literários, possibilitando a inter e transdisciplinaridade, estabelecendo, dessa forma que o ficcional possibilita a união de vários saberes e por isso pode e deve despertar uma maior integração da leitura escolarizada. Não esquecer que nas aulas seguintes, os alunos irão conhecer de que forma o episódio do processo colonizatório brasileiro teve desdobramentos e é de grande atualidade.

Terceira e Quarta aulas

Sintetizar para os alunos o núcleo da narrativa de Liana, das suas atividades e de seu relacionamento com Tito. Destacar essa passagem (após explicar o que Tito fazia em Londres e como conhecera Liana) e equilibrar o conteúdo a ser tratado em duas aulas.

Texto 4: (MACHADO, Ana Maria. Ibidem, p.49-50)

Tito se sentia cada vez mais integrado naquela cidade fascinante e tão cheia de oportunidades. Claro que às vezes batia uma saudade forte. Do sol, da praia, dos amigos, da ginga das mulheres, dos olhares entrecruzados a cada passagem, da roda de samba, do futebol com os amigos, da sensualidade

difusa pelo ar, o tempo todo, tão diferente daquela contenção inglesa, cada um dentro de uma bolha invisível no espaço. Mas lembrava também das correntes que prendiam: a dureza permanente, a incerteza de cada dia, a luta pela sobrevivência que não deixava tempo para ir atrás de seu próprio caminho na fotografia. Em Londres se sentia bem mais solto, respeitado, sendo alguém. Queria que o Soares pudesse ver o que ele estava fazendo. Não tinha paciência de escrever, mas tinha vontade de mostrar algumas das fotos e contar as novidades. Qualquer dia desses, fazia uma surpresa e telefonava para ele. Ou selecionava uma fotos melhores e mandava. Se tinha chegado aonde estava, sabia que devia tudo a ele. Alguém que o acolheu com respeito, que o levou para a revista como estagiário, e não o discriminou só porque tinha uma história diferente, sem o estudo, a leitura, a carência e a família que tinham os outros. Um mestre exigente mas justo, que enxergou o x do seu problema e lhe ensinou o beabá da profissão.

A presença do personagem Tito irá compor duas aulas. Por quê? Na ficção brasileira contemporânea há uma descentralização do sujeito da narrativa, que, anteriormente, centralizava-se num só dado período e quando se revivia os outros, era usada a técnica de *flashback*. Na contemporaneidade, há vozes variadas com a de Liana, a dos personagens que fazem parte do processo de colonização, a do Tito, por exemplo e cujos discursos são diferentes, possibilitando rever o passado com o olhar do presente. Como seria hoje? O que a História, a Sociologia, a Geografia, estudadas dizem a esse respeito?

Por meio desse procedimento estético, a literatura de Ana Maria Machado propicia um conjunto de possibilidades interpretativas que leva o leitor à reflexão e à formação de seu próprio ponto de vista sobre o passado histórico. Em outras palavras, a obra da autora abre ao leitor a participação num universo presente na sociedade globalizada contemporânea, e, portanto, interessante aos alunos.

Como podemos constatar tais fatos? O personagem Tito é um excelente exemplo para fazer a revisão do passado e refletir criticamente, no presente, a sociedade contemporânea e o seu processo de globalização deturpada (não esquecer de falar sobre o que é globalização). Há vários trechos na obra que expõem todas essas questões e que irão permitir aos alunos uma ampla discussão, inclusive, muitas vezes, tratando de seus próprios contextos.

Texto 5 (MACHADO, Ana Maria. Ibidem, p.50-54)

Não tinha a menor idéia de onde estaria hoje se seu caminho não tivesse se cruzado como do Soares. Mas certamente não seria em seu apartamentinho de Chelsea, perto do rio, namorando Liana, batendo perna pelas ruas de Londres e fotografando para uma importante agência internacional.

Quando se encontraram pela primeira vez, foi na rua onde Tito passava a maior parte do tempo, perto do prédio onde ficava a seda da revista. Fazia mais de dez anos, mas Tito lembrava como se fosse hoje. Era moleque ainda, recém-chegado do interior, ainda muito próximo do menino Expedito que corria pelos canaviais e brincava com rapadura na usina em Queimados. Ia aos poucos descobrindo os macetes da cidade grande e tinha feito amizade com o garçom de um bar por ali, costumava passar no fim da noite para ver se havia uma sobra de comida. Nem sempre voltava depois para casa., lá nas lonjuras de São Gonçalo, onde a mãe, o padrasto e os irmãos menores se amontoavam em colchonetes espalhados pelo chão dos dois cômodos de alvenaria que ainda não eram uma casa e já não mereciam ser chamados de barraco. Ele não gostava, preferia dormir na praia ou debaixo de uma marquise com os amigos. Assim ninguém ficava pegando no pé dele. Em casa, era um inferno. O padrasto enchia todo mundo de porrada. A mãe enchia a cara. E ninguém enchia a barriga.

Foi justamente por causa disso que ele tinha decidido que só ia dormir em casa quando pudesse levar algum e dar uma ajuda. Fez entrega em feira, vendeu chicletes em sinal. Mas era muito explorado, tentou sair do esquema, soube que o pessoal que vendia jornal era tratado melhor — e ainda ganhava camiseta para trabalhar. Mas não tinha vaga. Começou a rondar em volta dos prédios de jornais e revistas para ver se conhecia alguém e descolava uma ajuda. Numa dessas, viu o Soares estacionando o carro, com adesivo da revista no cantinho do vidro dianteiro.

— Moço, posso lavar?

— Não, obrigado, não estou precisando...

— Mas eu estou... — não se conteve.

O homem parou, olhou bem para ele, e mudou de idéia. Na volta, quando pagou, conversou um pouco, bem gentil. E virou freguês. Pelo menos duas vezes por semana, deixava lavar o carro. E tinha sempre uma conversinha. Um dia, falou que ia tomar um chope no balcão de um bar ali em frente, perguntou se ele não queria um croquete, um sanduíche. Depois ofereceu guaraná, perguntou se queria mais. Tito ficou logo desconfiado, achou aquilo com jeito de viadagem, resolveu encher a barriga e dar no pé.

Mas o sujeito não fez, proposta nenhuma, só ficou olhando, perguntou o nome dele, se tinha família, se ia à escola, ele não respondeu nada de verdade, vê lá se ia marcar essa touca, inventou uma história de mãe doente no subúrbio, contou que ajudava na limpeza de um canil no Jacarezinho — onde tinha ido uma vez levar um vira lata atropelado que acabou morrendo, e podia descrever direitinho sem ter muito trabalho de inventar. O cara disse que a mulher dele também estava doente, acabou dando o dinheiro da passagem para ele voltar para casa.

Daí a mais uns dias, o cara trouxe umas roupas velhas para ele, dizendo que era para ver se o tamanho servia. Nem eram tão velhas. Tinham sido do filho dele que, pelo jeito, devia ter muita roupa, porque quase não estavam gastas. Umas camisetas, uma calça bem legal, um par de tênis. A partir desse dia, o cara cada vez conversava mais, como se fosse mesmo amigo. E Tito resolveu que tinha chegado a hora de fazer o pedido, pra ver se arrumava um trabalho melhor.

Mas justamente nesse dia, o cara chegou, olhou para ele de cara feia e disse que não queria mais que Tito lavasse o carro dele.

— Mas, doutor...

— Por que foi que você mentiu para mim?

— Escute aqui, ô cara, eu não te pedi nada, tu me deu porque quis, eu não preciso ficar batendo caixa da minha vida pra ninguém, tá? Não sou michê, não dou o rabo, não sou avião, não sei o que é que tu pode querer comigo.

E foi virando as costas para ir embora. O sujeito mandou ele ficar e começou a falar. Disse que se chamava Soares, era fotógrafo, tinham mandado ele ir com um repórter fazer uma matéria sobre animais perdidos num depósito veterinário da Sociedade Protetora dos Animais, lá em Jacarezinho, bem debaixo do viaduto, igualzinho ao que Tito tinha contado, ele logo reconheceu. Mas não tinham nenhum menino trabalhando na limpeza do canil, nunca tinha tido.

— E daí? Eu conto o que eu quiser, para quem eu quiser, ninguém tem nada com isso. A minha vida não é da tua conta. O que é que tu quer comigo, afinal?

— Não fique assim, Tito, eu só quero ser seu amigo. Eu tinha um filho assim como você, que morreu há pouco tempo. Você me fez lembrar dele.

— Morreu de quê?

— Bala perdida. Dentro de casa, vendo televisão. Morreu na hora. Pelo menos, não sofreu.

O homem tinha respondido de um jeito seco e logo se calou.

Como quem não queria falar mais. Tito não sabia o que dizer. Mas queria achar alguma palavra de consolo. Disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Tu mora de fundos no Barão da Torre?

— Na Sá Ferreira.

— Dá no mesmo. Quando pinta guerra de quadrilha é a mesma merda... Bala não é que nem entregador de farmácia, não tem endereço certo.

Tito falou como quem estava acostumado, mas ficou com pena do tal Soares. Se tinha uma coisa que o deixava puto da vida era saber de gente nova que morria, sem ter tido chance de viver nada. Não estava certo. E se cagava de medo de um dia lhe acontecer o mesmo.

Parecia que o cara estava lendo os pensamentos dele, porque disse:

— Pode ser, mas é muito injusto. E dói muito.

Mas um vez, Tito não sabia o que dizer. Então, dessa vez, não disse nada. Mas depois, quando a conversa continuou, também quis contar a verdade. Ou parte dela. Não falou que cheirava cola, que algumas vezes tinha roubado uma coisinha aqui ou ali — mas só para defender algum, no descuido de alguém, nunca na violência. Só falou dos porres da mãe, das surras do padrasto, das brincadeiras com os irmãos, da alegria de soltar pipa com os menores, jogar sinuca com os maiores ou cantar num pagode com

todo mundo. Contou onde morava. E contou que tinha parado de ir à escola, não aprendia nada mesmo, as professoras estavam sempre faltando, cada hora tinha uma diferente, a diretora gostava de gritar, enchia o saco. O Soares ficou dando palpite, tipo discurso do horário eleitoral na tevê, dizendo que educação era importante, que ele devia ao menos terminar o primeiro grau—que ele chamava de ginásio— porque quem estuda tem melhores chances na vida, que ele precisava ser responsável, pensar no futuro, para não virar bandido, uns papos assim. Tito não gostou dos conselhos, mas gostou do cara. Acabou lavando o carro dele sem cobrar, e deixando um bilhetinho: “Com os cumprimentos do Tito”. E nessa noite foi dormir em casa.

No dia seguinte, pediu o emprego. Soares arrumou um lugar de mensageiro para ele, num laboratório de fotografia lá em Botafogo. Daí a pouco, o menino já tinha virado ajudante. Aprendia rápido e com gosto. Adorava ver o trabalho dos fotógrafos, a revelação dos filmes, entrar no laboratório e ficar vendo tudo, naquela luz vermelha: a luz formando as imagens, as formas aparecendo devagar no papel dentro das bandejas de ácido.

Soares prometeu que, se ele voltasse a estudar, ganhava uma máquina fotográfica. daquelas incrementadas, cheias de lentes. Tito achou graça. Sabia que, se quisesse, era só passar a mão numa e sumir no mundo. Não precisava estudo para isso. Mas descobriu que não queria. Foi para o curso noturno. Ganhou a câmera, a amizade de Soares e um orgulho enorme de si mesmo. Quando acabou o curso, ganhou algo mais: a chance de um estágio na revista, que agarrou com unhas e dentes, sabendo que ali estava uma chave para nunca mais voltar à vida de antes. E acabara vindo parar na Europa, vivendo de seu trabalho. Do olho que enxergava o humano por dentro das coisas, como lhe dissera o cara da agência. Da capacidade de ver o que os outros não viam. Claro. Via mesmo. Ele sabia por quê.

Tito, residente em Londres, personagem de origem negra e que possui um passado marcado pela discriminação racial e social, quando ainda vivia no Brasil – são apresentados os pontos de vista do africano, que sofreu com a exploração e com a escravidão heranças da colonização europeia, e do menor de idade que conhece a violência das ruas.

Texto 6: (MACHADO, Ana Maria. Ibidem, p.173)

Eu não tenho nada com essa História do Brasil em que vocês falam de boca tão cheia, cheia de bons selvagens e de navegadores, mercadores, imperadores... Disso tudo, só tenho mesmo as dores, com perdão da lembrança. Eu não colonizei nem fui colonizado. Minha família foi para lá de escrava, acorrentada, ninguém escolheu ir.

Após a leitura e discussão dos trechos, é importante que se crie um evento na escola, tratando dos aspectos evidenciados e interdisciplinar e transversal, percorrendo a respeito da qualidade de vida dos alunos, das suas habitações, das suas vizinhanças, das ameaças de violência urbana, da questão do tráfico de drogas, entre outros.

O debate deve ter a participação de autoridades e responsáveis por tais conteúdos e, após o debate, os professores devem se empenhar em não deixar esmorecer tais questões, elaborando junto aos alunos murais com informações, jornais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as histórias do mundo não ficam guardadas numa cabeça só, por maior que seja. Ficam é em todas as cabeças do mundo. E precisam trocar os fios pra lá e pra cá, trançar o que cada um vai tecendo. Se não, ninguém faz teia nenhuma. E num fio solto ninguém pode morar. Pra se ficar vivendo, precisa de uma teia. (Machado, 1985)

O trabalho da escritora Ana Maria Machado apresenta uma variedade que perpassa por títulos de livros infantil e juvenil ao romance para adultos.. Seu trabalho revela a consciência de que a criança e o jovem da mesma forma que o adulto, estão aptos a refletir sobre a realidade e que motivados por essa reflexão, tornam-se capazes de olhar o mundo ao seu redor com olhos de ver, de observar e de pensar.

Um dos mais relevantes aspectos de sua literatura é o diálogo permanente entre realidade vivida e ficção, em que o leitor é convidado a (re)visitar o passado histórico em suas mais variadas faces, por meio da experiência estética oferecida pelo texto literário.

Convém destacar que o filósofo grego Aristóteles (384 a.C – 322 a.C) estabelecia barreiras conceituais entre a narrativa histórica e a narrativa literária, fatos históricos passam a permear, com maior frequência, o texto literário produzido no século XX. Essa ruptura está relacionada à concepção de que se faz necessária uma poética que apresente “uma estrutura teórica aberta, em constante mutação, com a qual se possa organizar o conhecimento cultural e os procedimentos críticos.”¹ Tal poética pode permitir maior flexibilidade à arte literária que, em vez de se adequar à teoria clássica, passa a dinamizar os conceitos estéticos de modo que a obra possa adquirir características específicas, dada a autonomia que se estabelece na articulação dos elementos que a estruturam. Ainda segundo Hutcheon, trata-se de uma poética da contemporaneidade, da qual fazem parte tanto a arte como a teoria da arte, e que se caracteriza procedimentos que revelam postura, reflexiva, por excelência, acerca do processo de criação artística.

¹ HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. História . Teoria . Ficção. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1991, p.31-32.

A escritora Ana Maria Machado ao **trançar histórias**, como na obra *O mar nunca transborda*, consegue estabelecer uma teia entre ficção e factual e descentralizar o foco narrativo², recurso que permite a apresentação de vários pontos de vista, de modo que o fato ou acontecimento real, histórico, seja apresentado por ângulos diferentes, permitindo, assim a aproximação de sua totalidade. É o que se denomina de metaficção historiográfica e que por possibilitar um trançado entre os vários saberes presentes no texto literário, propicia aos alunos uma leitura mais acessível e passível de debates que sejam atuais e pertençam ao contexto vivenciado.

Enfim, a pesquisa buscou mostrar que a leitura escolarizada precisa estabelecer diálogos, **trançar histórias**, abandonar a teoria mecanicista, isolada, e seguir o pensamento do crítico francês Edgar Morin, de que literatura é arte, e conhecimento, é precisamente vida, movimento.

² Já foi citado no trabalho que a obra *O mar nunca transborda*, *corpus* da pesquisa, é constituída de dois núcleos distintos.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Ediouro. 1990.
- CALDEIRA, Jorge (Coord.). *História do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *História e Literatura*. 3 ed., Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.
- FIORIN, Et Platão. *Lições de texto: Leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1998.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 27ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREITAS, Maria Teresa. *Lendo Literatura e História*. São Paulo: Atual, 1986.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 7 ed., São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. História. Teoria. Ficção. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.
- LEENHARDT, Jacques & PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). *Discurso histórico e narrativa literária*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1998.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão. 5. ed, Campinas-SP., Editora da UNICAMP, 2003.
- MACHADO, Ana Maria Machado. *O mar nunca transborda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- SHOAHAT, Elia; STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica*. Multiculturalismo e representação. Tradução de Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.